

abre la carta, no conociendo el domicilio, queda tan admirado de la fe y la confianza de aquel hombre que logra reunir unos sesenta pesos. Introduce éstos en un sobre dirigido a Lencho. Al abrir la carta y contar el dinero, aquél no muestra ninguna sorpresa, sino gran cólera, y responde a Dios con la carta siguiente:

“Dios: Del dinero que te pedí, sólo llegaron a mis manos sesenta pesos. Mándame el resto, que me hace mucha falta; pero no me los mandes por conducto de la oficina de correos, porque los empleados son muy ladrones.—Lencho”.

A mi parecer, esta colección serviría admirablemente no sólo para la lectura general, sino para la enseñanza elemental en los colegios y las universidades de los Estados Unidos.

DONALD D. WALSH,
The Choate School,
Wallingford, Conn.

ERICO VERÍSSIMO, *Gato preto em campo de neve*.—Pôrto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1941. 420 pp.

O engenhoso título deste livro, segundo as próprias palavras do autor, “não tern nenhum sentido secreto ou simbólico. Refere-se apenas a um gato preto e anónimo que atravessou um campo de neve no Colorado, quando eu passava de trem”. Porém, não há que tomar esta afirmação ao pé da letra. O gato que atravessa um campo de neve, pisa com cuidado, olha sorrateiramente e escuta... Ao explorar o vasto campo da república norte-americana, Veríssimo mostra-se cauteloso e prudente. De volta ao seu país, o autor confessa precavidamente: “Nem agora conheço os Estados Unidos”.

Bom novelista, Erico Veríssimo encontra em seus três meses de viagem através dos Estados Unidos matéria para escrever um romance em que êle, seu *alter ego* Malazarte, e os norte-americanos, sôbre tudo os intelectuais, são os personagens principais. Não quer isto significar que Veríssimo saia da realidade para se dedicar à fantasia; a realidade que nos transmite, contudo é a de novelista e não a de pensador.

A paisagem que interessa a Veríssimo é a humana, oferecendo ao leitor um semblante variadíssimo. Agudo observador, raras vezes emite juízos individuais a respeito do que vê, preferindo deixar que os norte-americanos, com suas próprias palavras, se definam e expliquem ao leitor brasileiro.

Mantém Veríssimo largas conversações com diversos dos nossos mais distintos escritores, tais como: Hendrick Van Loon, Pearl Buck, Robert Nathan, Thornton Wilder, James Feibleman, James Hilton, e

David Daiches. Novelista sempre, para dar a conhecer êstes, Veríssimo vale-se do diálogo que, frequentemente vem a ser una exposição concisa, sólida, das idéias estéticas, políticas e filosóficas que caracterizam a sua obra.

Pode crêr-se que em sua apreciação àcerca de literatos norte-americanos mostra Veríssimo um ecletismo na verdade assombroso. Porém, o importante é que um novelista sul-americano chegou à América do Norte muito bem preparado para falar aos nossos escritores.

Da cada página do *Gato Preto* desprende-se o espírito do autor — hábil, multiforme, tolerante. Talvez estas qualidades sejam demasiado evidentes, fazendo que Veríssimo aplique com monotonia desconcertante sua fórmula de cortesia: “Escapo pela porta da anedota. Já vi que êste tipo de fuga dá resultados ótimos. Salvo-me por entre risadas”. A atitude de Veríssimo frente aos problemas do Brasil atual é bastante evasiva. Quando lhe fazem perguntas difíceis, em lugar de contestar, ri. Com tudo, êle possui em humorismo irresistível e não lhe falta, de vez em quando, uma anedota cheia de iluminações repentinas.

Quem haja seguido a Veríssimo pelas quatrocentas e vinte páginas do *Gato Preto*, confessará que o autor cumpriu o que ao principio prometeu dar ao leitor — “a ilusão de que viajou comigo”.

DANIEL WOGAN,
Louisiana State University.

FEDERICO DE IBARZÁBAL, *Tam-Tam*.—La Habana, Editorial Alfa, 1941.
262 pp.

En esta novela de la lucha por la independencia cubana, Federico de Ibarzábal nos hace sentir el gran ímpetu de los esclavos africanos hacia la realización del ideal de la libertad.

Del fondo del matorral retumbó el sonido atronador del *tam-tam*. Después, en la miserable esclavitud del cautiverio en los cañaverales, sonó otra vez su música, quizá menos vibrante, quizá más dolorosa. Se les permitía a los esclavos que bailasen sólo a veces, y en estas ocasiones resonaba en los tristes acentos del *tam-tam* un eco de la perdida libertad. Más tarde pulsó otra vez el ritmo que llamó a la rebelión, que llamó a los negros encadenados por los blancos y a los blancos humillados por los opresores españoles.

Es una historia simple, pero emocionante. Llegó con su barca negra un jefe blanco llamado Braga. Con engaño y perfidia logró hacer cautivos a los mejores de los negros, entre los cuales estaban Mek, jefe de la tribu, su hija Mayuba, y Mbunda, el prometido de ésta. Al llegar a Cuba fueron vendidos todos, a excepción de Mayuba. Viviendo en el ingenio, en una casita cerca de la mansión de Braga, Mayuba dió a